

## ■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### ■ **Desenhando a liberdade: A experiência de oficinas de desenho no sistema prisional**

 *Augusto Cristiano Prata Esteca \**  
*Larissa Dantas de Andrade \*\**

**Resumo:** A Semana de Educação para a Vida é parte do calendário escolar da rede pública do DF e tem por objetivo a reflexão de temas significativos. No sistema prisional, a edição de 2018 integrou oficinas de desenho artístico, em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), junto ao professor Augusto Cristiano Prata Esteca, por iniciativa da professora Larissa Dantas de Andrade, a qual atua na Educação de Jovens e Adultos (EJA) Prisional, há mais de 12 anos. A concepção, aplicação e resultados das oficinas são apresentados nesse documento, bem como sua abordagem, metodologia e procedimentos, sempre sob a ótica da problemática da educação em prisões. A realização dessas atividades evidencia a importância da educação e da arte no sistema penitenciário, tendo em vista o impacto positivo sobre as pessoas privadas da liberdade. Nelas, são abordados temas como tolerância das adversidades e o papel ressocializador da prisão, uma vez que, em algum momento, essa pessoa retornará ao convívio social. Por outro lado, ressalta a importância da cooperação interinstitucional, conjugando as demandas existentes e a função social da universidade.

**Palavras-chave:** Educação. Prisão. Arte. Oficina de Desenho. Ressocialização.

---

\* *Augusto Cristiano Prata Esteca* é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília - UnB (1997), especialista em Gestão Ambiental e Ordenamento Territorial pela UnB (2002), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UnB (2010), e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela UnB (2017).

\*\* *Larissa Dantas de Andrade* é graduada em Estudos Sociais com Habilitação em Geografia pela União Pioneira de Integração Social - UPIS (2000), especialista em Educação Especial no sistema prisional pela Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia Darwin (2008), trabalha na Fundação Educacional de Brasília desde 2001 e alocada no presídio da Papuda desde 2006. Contato: lala.andrade30@hotmail.com.

## Introdução

No primeiro semestre de 2018, uma parceria do Centro Educacional 01 de Brasília da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (CED 01) com o Núcleo de Estudos e Pesquisa da Edificação Penal da Universidade de Brasília (NUESP/UnB) promoveu oficinas de desenho na Semana de Educação para a Vida, realizadas nos dias 7, 9 e 11 de maio. O objetivo das oficinas foi enfatizar a arte como meio de capacitação e valorização das pessoas privadas da liberdade, em termos do retorno à sociedade e da manutenção da saúde mental, enfatizando a importância da formação educacional e a atuação profissional do desenhista. Especificamente, as oficinas visaram fomentar o interesse dos alunos iniciantes em desenho e aperfeiçoar as técnicas dos alunos que já desenhavam.

O NUESP integra o Parque de Inovação e Sustentabilidade do Ambiente Construído (PISAC) da Universidade de Brasília (UnB), atuando em conjunto com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/UnB). O NUESP abrange a Cadeia Produtiva das Edificações Penal e Socioeducativa, objetivando a melhoria dessas instituições, por meio do aprimoramento do espaço arquitetônico e da correta aplicação da pena e do respeito à condição humana. A realização das oficinas de desenho no sistema prisional vai ao encontro da meta de inclusão social do NUESP, em consonância com a proposta de integração dos alunos do curso de graduação nos trabalhos desenvolvidos.

O sistema penitenciário do Distrito Federal conta com seis unidades prisionais que abrigam mais de 15 mil pessoas privadas de liberdade, a maioria concentrada no Complexo Penitenciário da Papuda (BRASIL, 2017, p. 18). A população prisional atual contabiliza um excedente da ordem de 110% da capacidade do sistema penitenciário, o que sobrecarrega as equipes funcionais já subdimensionadas (idem).

A educação é um direito fundamental da pessoa relacionado à dignidade e à cidadania, cujos princípios são fixados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), sendo garantida aos presos pela Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210/1984). A educação no sistema prisional do Distrito Federal é prevista na Meta 10 do Plano Distrital de Educação (PDE). Apesar da previsão legal, apenas 11% das pessoas presas estudam no sistema penitenciário do Distrito Federal, de acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN). (BRASIL, 2017, p. 34). A maioria dessas pessoas possui o ensino fundamental incompleto (58%); então, o ensino fundamental detém a maior faixa de alunos (36%).

A Semana de Educação para a Vida visa à abordagem de conhecimentos extracurriculares, devendo ser realizada nas escolas públicas de ensino fundamental e médio de todo o País, sendo prevista pela Lei nº 11.988/2009. A edição deste ano trouxe palestras, exibição de filme, apresentação de teatro e oficinas de desenho e xilogravura. As oficinas de desenho foram direcionadas para os alunos de todos os segmentos da EJA, de acordo com o interesse pessoal, favorecendo o melhor aproveitamento dos conteúdos relacionados a conceitos matemáticos fundamentais.

Num primeiro momento, a prisão e a arte parecem incompatíveis entre si, em razão da natureza punitiva da instituição, eventualmente amplificada pelos problemas da execução

Figura 1 Desenho produzido por pessoa presa: “Mais escola hoje, menos penitenciária amanhã”



Fonte: próprios autores

penal. Formalmente, a prisão tende a tratar as pessoas como objetos inanimados (GOFFMAN, 2005, p. 70), enquanto o sistema penal convive com a aglomeração de pessoas presas e a carência de recursos de todo tipo. Todavia, a prática prisional revela a impossibilidade da subordinação do espírito humano, cuja tentativa de obliteração resulta em subversão da ordem.

A partir dessa constatação, o papel e a importância da arte no meio prisional ficam evidentes, podendo haver benefícios às pessoas presas e à instituição, pois tem a capacidade de valorizar a condição humana de modo alinhado com o programa institucional<sup>1</sup> (Fig. 1).

A prisão é por natureza um ambiente restritivo, onde o homem é alijado de suas liberdades pela segregação social e pela disciplina interna, havendo poucas oportunidades para a expressão individual ou coletiva. A impessoalidade institucional é necessária para a segurança do estabelecimento e o cumprimento das rotinas internas, de modo a haver economia nos processos e efetividade nas tarefas e procedimentos. Esta racionalidade define o funcionamento da prisão, conforme o preconizado nas teorias penalógicas, entre elas, o Panóptico, resgatado por Foucault (1987, p. 213). Segundo o Panóptico, a educação tem um papel utilitário na pena, visando à formação de mão-de-obra para os setores produtivos, embora os problemas penitenciários o tenham reduzido à mera ocupação do tempo ou parte do esquema de controle das pessoas presas.

A oportunidade formal para o exercício da expressividade dos presos está nas aulas de artes previstas no currículo de Educação para Jovens e Adultos (EJA), adotado no sistema penitenciário. Porém, na realidade prisional uma minoria de presos tem acesso ao programa de educação. Da mesma maneira, as aulas sofrem uma série de restrições de segurança quanto aos materiais e instrumentos. Pelo mesmo motivo, o exercício artístico é normalmente vetado nas demais dependências do estabelecimento.

Em contrapartida, a manifestação informal dos presos dificilmente é impedida, ocorrendo por meio de tatuagens feitas improvisadamente com os recursos à mão. Essas manifestações são indícios da necessidade de expressão das pessoas privadas de liberdade, bem como a preservação da sua identidade e externalização de emoções. Nesse sentido, a arte pode romper em alguma medida os efeitos deletérios da prisão, por meio da imaginação e da criatividade que têm o poder de transportar

mentalmente a pessoa, superando o isolamento, a monotonia e a tensão do ambiente prisional. Como coloca Fayga Ostrower (MORAIS, 2002, p. 42), “a arte é uma forma de crescimento para a liberdade, um caminho para a vida”.

### Formato das oficinas

As oficinas de desenho foram concebidas para o exercício artístico dos internos, na perspectiva de oportunizar a manifestação de seus anseios e como momento de relaxamento em meio à rotina prisional. Desse modo, as oficinas não se detiveram apenas no aprendizado de técnicas de desenho. Sua formatação levou em consideração as exigências de segurança e as limitações da rotina prisional.

A abordagem com os alunos tendeu a um modelo mais pessoal, embora a neutralidade tenha sido mantida em alguma medida para o equilíbrio da relação aluno-professor, tendo em vista a segurança dos participantes. Os professores se portaram como transmissores de estímulos positivos, embasados sobre uma posição emocionalista que buscou junto aos alunos as experiências do seu cotidiano, a partir das relações que se desenrolam na sociedade prisional. Neste sentido, a abordagem adotada incentivou a expressão da ‘melhor experiência’ dos alunos, buscando as experiências positivas, ao invés dos problemas e queixas (Fig. 2).

Os professores procuraram construir um ambiente não-coercitivo nas oficinas, deixando os alunos o mais à vontade possível, de modo a conquistar sua confiança para a colaboração e o comprometimento pessoal com as atividades programadas. Para tanto, algumas garantias foram dadas aos alunos, tais como a participação voluntária e o anonimato da participação e da autoria dos desenhos, além do acesso aos resultados das oficinas. Ao mesmo tempo, se buscou uma descontração em sala, aproveitando a subjetividade da arte, estimulando-se um clima amistoso entre professor e alunos.

Buscando um ambiente não-coercitivo, o nível de cobrança em relação aos exercícios e aos resultados foi atenuado. Nas oficinas, foi explicitada a importância da experiência artística proposta, mais do que a qualidade dos produtos. O entendimento das técnicas de desenho pelos alunos era importante, de modo a favorecer a continuidade da experiência artística após as oficinas, mediante o interesse de cada aluno.

Principalmente nas oficinas básicas, os alunos expressaram uma preocupação com a qualidade gráfica dos próprios desenhos, eventualmente considerados ruins (Fig. 3). Nesses casos, foi colocado que não existem desenhos ruins, pois todos estavam em aprendizado. Além disso, os alunos foram informados de que a arte permite uma distorção da realidade, retratada segundo uma visão pessoal do mundo.

Outras medidas tomadas para conquistar o envolvimento dos alunos foram explicitar a importância das oficinas e adotar uma postura de ouvinte durante a manifestação dos mesmos, sem interrupções e com respeito ao tempo de formulação da fala. Assim, o aluno ficou livre para desenvolver seu raciocínio de modo propositivo, o que permitiu o surgimento de novas ideias, por meio da interação professor-aluno.

Como metodologia para as oficinas, foi adotada a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa que aborda, simultaneamente,

Figura 2. Desenho de criatividade produzido na oficina básica: “Escola”



Fonte: próprios autores

Figura 3. Desenho de observação produzido na oficina básica: “Dona Carol”



Fonte: próprios autores

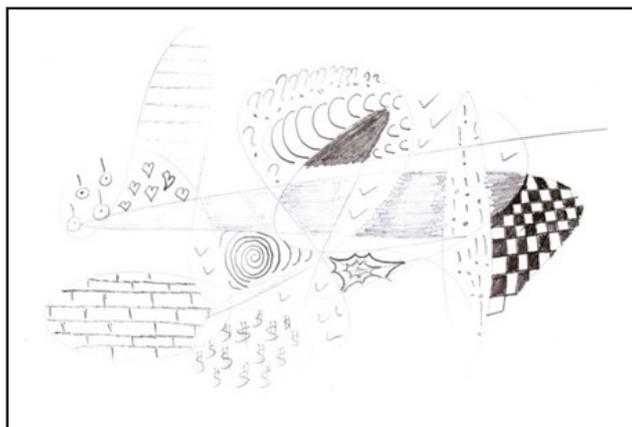
a leitura da imagem, a contextualização e a prática artística (BARBOSA, 1999, p. 37). De modo geral, as oficinas tiveram participação ativa dos alunos, os quais dedicaram a maior parte do tempo à produção do desenho. Cada conteúdo era explicado pelo professor e exercitado, em seguida, pelos alunos. Os conceitos e procedimentos foram passados de modo simples, em linguagem compatível com a escolaridade e experiência de cada turma, verificando se havia compreensão por parte dos alunos. Cada aluno foi assistido individualmente pelos professores e monitores, sendo repassados os conteúdos ou exercícios sempre que necessário. Todos os desenhos foram produzidos individualmente.

Numa reflexão final, o poder da arte de deslocar virtualmente as pessoas no tempo e no espaço foi destacado como mecanismo para a superação das adversidades da vida na prisão. A ausência de recursos para o desenho na rotina prisional pode ser superada pela mente, criando cenários, pessoas, animais ou objetos realísticos ou surreais (Fig. 4).

### Descrição das oficinas

As oficinas de desenho ocorreram em salas de aula do Centro de Internação e Reeducação (CIR) e das Penitenciárias do Distrito Federal 1 e 2 (PDF 1 e 2), localizadas no Complexo

Figura 4. Desenho de criatividade produzido na oficina básica: "Abstrato"



Fonte: próprios autores

Penitenciário da Papuda. No total, foram realizadas 11 oficinas, sendo seis de desenho básico e cinco de desenho avançado. As oficinas receberam entre 10 e 20 alunos, cada, totalizando 115 participantes, com duração aproximada de duas horas e meia. No primeiro e no segundo dia do evento, as oficinas ocorreram nos turnos matutino e vespertino. No último dia, aconteceram apenas pela manhã e houve uma turma extra de desenho básico.

As oficinas foram ministradas por um professor e quatro alunos de graduação da FAU/UnB. O professor é pesquisador líder do NUESP e os alunos são formandos ou integram o último semestre de projeto arquitetônico do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Todos os alunos desenvolvem estudos no tema prisional. Um estudante está concluindo o Curso de Artes na UnB e também assumiu como professor. As demais alunas atuaram como monitoras.

As oficinas foram acompanhadas por professores do CED 01 de Brasília, o que facilitou a empatia dos alunos por associação e favoreceu o bom convívio e desenvolvimento da atividade. Também foram monitoradas pela equipe de segurança, posicionada em locais adequados.

As unidades prisionais contempladas possuem diferentes perfis de pessoas presas, havendo provisórios e condenados, o que determinou certas particularidades das oficinas no que diz respeito à atuação dos professores e monitores. Os alunos com situação provisória mostraram-se mais inseguros quanto à atividade proposta, com comprometimento com o trabalho em ritmo mais lento, havendo certa inibição inicial. Os alunos sentenciados mostraram-se mais extrovertidos e aqueles com liberdade próxima demonstraram um maior interesse no desenho como atividade econômica.

O planejamento das oficinas em turmas de até 20 alunos buscou a inclusão da totalidade dos interessados, segundo demanda colocada previamente pelo CED 01 de Brasília. A quantidade de alunos foi ponderada como adequada para os trabalhos desenvolvidos, considerando o número de 10 alunos para a turma avançada e 15 para a turma iniciante. Um grupo pequeno poderia desestimular as atividades conjuntas, enquanto que um grupo muito grande poderia dificultar o acompanhamento individualizado dos alunos.

As oficinas não tiveram intervalo. O tempo de aula foi considerado adequado, pois permitiu o desenvolvimento das

atividades programadas, a contento. Ao final, apenas alguns alunos demonstraram cansaço, especialmente os que apresentaram maior dificuldade técnica ou inibição na execução dos trabalhos. O desgaste maior dos professores e monitoras ocorreu nas oficinas vespertinas devido ao acúmulo de trabalho do dia e pelo calor, considerando os problemas de ventilação dos edifícios e o uso de colete de identificação.

A turma extra de desenho básico decorreu da inviabilidade da oficina de xilogravura programada e foi prontamente assumida pelas monitoras, as quais, com competência e desprendimento, se responsabilizaram pela execução da mesma.

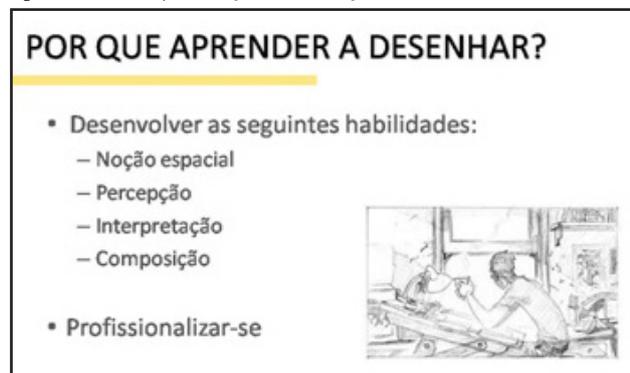
### Relato das oficinas

As oficinas foram iniciadas com a apresentação dos professores e monitoras convidados, sendo citado o interesse e o envolvimento da UnB no evento, seguida por uma explanação do programa previsto para as aulas. Nessa fase preparatória, as turmas foram organizadas em círculo, sempre que possível, visando aproximar os alunos dos professores, permitindo uma assistência equitativa a todos, e favorecer a observação dos desenhos com os modelos, posicionados no centro da sala.

Uma projeção de *slides* introduziu cada oficina, mostrando a definição de desenho, seus diferentes tipos e a atuação do desenhista no mercado de trabalho (Fig. 5). A projeção foi complementada com uma explicação a respeito do material de desenho. Em seguida, as expectativas e potenciais dos alunos foram sondados, de modo a direcionar os procedimentos e conteúdos das oficinas, além de favorecer a construção da empatia entre instrutores e alunos. De maneira geral, o nível de conhecimento e a escolaridade dos alunos exigiram uma verificação constante se os conceitos apresentados estavam sendo entendidos, como formas geométricas, proporção e simetria.

As salas de aula ocupadas possuíam lousa branca, aproveitada para a projeção de *slides* e para a demonstração dos desenhos dos exercícios. A utilização de marcador para quadro branco na produção dos desenhos dificultou a representação de espessuras e tonalidades dos traços. Os alunos foram acomodados em cadeiras com prancheta acoplada e receberam lápis 6B, papel branco formato A3 e borrachas. Foram disponibilizados lápis e papel extras. A prancheta não é a mais adequada para os desenhos propostos, pois limita o uso do espaço do papel que seria mais bem aproveitado em mesas. Alguns alunos

Figura 5. *Slide* da apresentação de introdução das oficinas



Fonte: próprios autores

improvisaram superfícies maiores, colocando sobre a prancheta livros encontrados nas salas de aula. Em uma das turmas havia um aluno canhoto que teve dificuldades para desenhar devido à inexistência de prancheta invertida.

As oficinas foram flexíveis, pois as aulas estavam sujeitas a interrupções próprias das rotinas dos estabelecimentos para a distribuição de remédios, assinatura de documentos, entre outros. Em particular, os alunos receberam um lanche durante as oficinas que paralisava momentaneamente os trabalhos, já que se alimentavam nas próprias carteiras. Estas ocasiões foram aproveitadas para a preparação da sequência dos trabalhos, bem como conversas informais com os alunos, nas quais os desenhos eram vistos com mais calma. O lanche ocupava cerca de 15 ou 20 minutos das oficinas, informalmente constituindo um intervalo de descanso.

Cada exercício teve tempo marcado para a sua execução que eventualmente não permitia a conclusão do desenho. Nesta situação, era enfatizado que a apreensão das técnicas era mais importante do que os produtos. Por outro lado, foi dada liberdade para a experiência pessoal nas classes, dispensando alunos do cumprimento das tarefas programadas, sempre que houvesse o interesse no desenvolvimento de um desenho específico ou apenas em participar das conversas. Desse modo, buscou-se manter o envolvimento dos alunos que apresentaram dificuldade de acompanhar o ritmo da classe ou de cumprir os exercícios.

Na conclusão das oficinas, os alunos eram convidados a levantar e apreciar os trabalhos do grupo, eventualmente apontando os melhores. Uma avaliação da oficina era feita pelos alunos, seguida da avaliação dos professores, dos processos e produtos do grupo. Por fim, agradecimentos eram feitos por parte dos alunos e dos professores, normalmente permeados por grande emoção, confirmando a cumplicidade estabelecida ao longo do curto espaço de tempo das oficinas.

Após cada oficina, o material distribuído aos internos foi devidamente conferido e recolhido, por motivo de segurança, especialmente quanto ao grafite do lápis e ao papel utilizado.

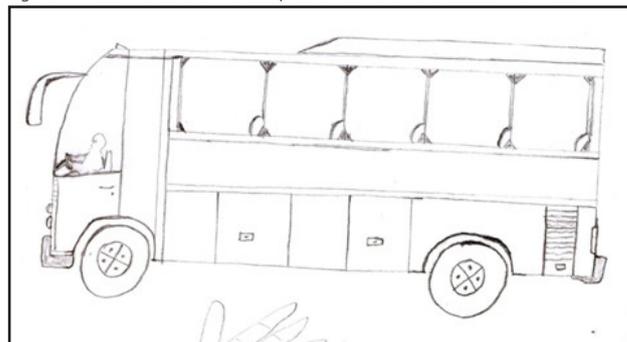
### Exercícios desenvolvidos

As oficinas foram baseadas nas disciplinas de desenho dos Cursos de Arquitetura e Artes da UnB. Os conteúdos e exercícios foram ajustados mediante as particularidades e imprevistos próprios do meio prisional, em conformidade à flexibilidade prevista na formatação das oficinas.

A oficina de desenho básico consistiu de três blocos, alternando aulas expositivas e exercícios de desenhos de fundamentação, observação e criatividade. O primeiro bloco exercitou noções de traço e sombra, além de geometria simples (quadrado e círculo), trazendo conceitos de regularidade, proporção e simetria.

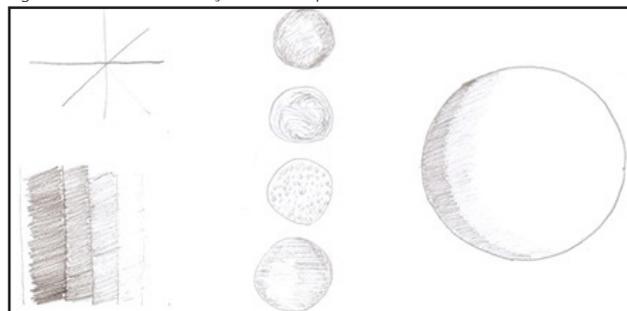
Os exercícios de traço e sombra consistiram em um desenho de traços retos paralelos e outro radial com linhas de espessuras e intensidades gradualmente mais fortes, posteriormente preenchidas por sombras de intensidade correspondente às linhas. Foi explicado que os efeitos nas linhas podem ser obtidos da pressão do lápis sobre o papel ou da grossura da ponta do grafite. Esse exercício foi precedido por uma explanação dos

Figura 6. Desenho de criatividade produzido na oficina básica: “Ônibus”



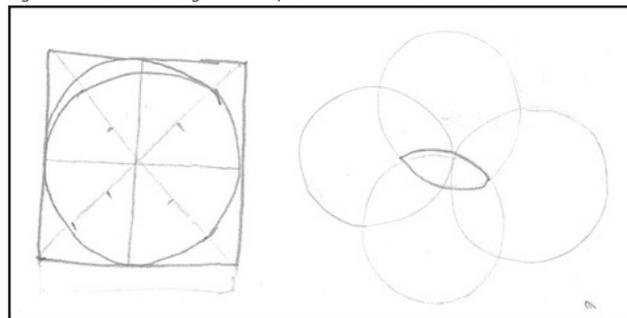
Fonte: próprios autores

Figura 7. Desenhos de traço e sombra produzidos na oficina básica



Fonte: próprios autores

Figura 8. Desenhos de geometria produzidos na oficina básica



Fonte: próprios autores

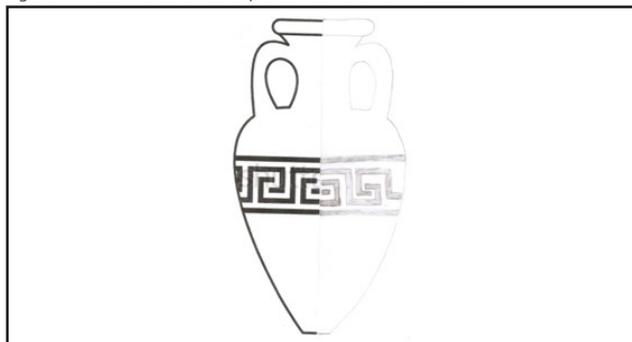
tipos de sombra – tracejada, pontilhada e manchada, cuja aplicação pode tornar um desenho mais realista ao atribuir volume ao mesmo.

Os alunos treinaram as formas geométricas com a confecção de desenhos de um quadrado perfeito, utilizando o lápis como ferramenta de medição. Esses desenhos foram aproveitados para a técnica de produção de um círculo perfeito (Fig. 8). As formas geométricas também foram treinadas com diferentes traços e tamanhos, demonstrando o efeito de profundidade no desenho.

As diferenças de traços foram aplicadas na produção de croquis e esboços, sendo exercitada a confecção de formas mais complexas a partir de composições geométricas mais simples. Os traços de construção dos croquis foram testados colocando-se o papel invertido contra a luz, onde apenas o desenho final deveria ser visível (Fig. 8).

A simetria foi explicada por meio de exercícios, nos quais os

Figura 9. Desenho de simetria produzido na oficina básica



Fonte: próprios autores

Figura 10. Desenho de observação produzido na oficina básica: "Professor sentado"



Fonte: próprios autores

alunos deveriam descrever o resultado do espelhamento das formas desenhadas. Neste exercício, a simetria radial se mostrou excessivamente difícil para os alunos. A simetria bilateral foi reforçada em um exercício de complementação da figura de metade de um vaso, sendo aplicadas técnicas de decomposição de formas complexas, através de alinhamentos, proporções e medições com o uso do lápis (Fig. 9).

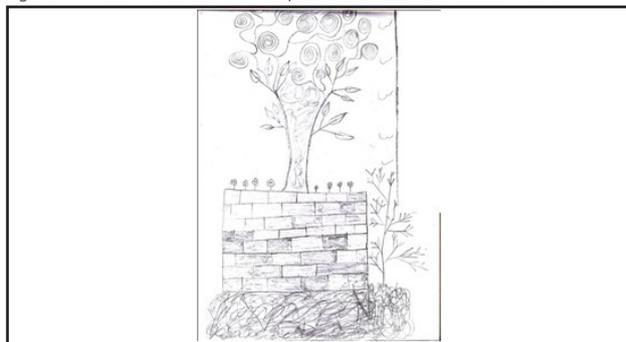
O segundo bloco da oficina básica foi precedido dos conceitos de enquadramento e composição, considerando o sentido de leitura visual e a regra dos dois terços para a valorização de informações e o equilíbrio do conjunto. Também foram passados cuidados na produção do desenho, como o uso do espaço do papel e a previsão de margens.

O segundo bloco envolveu, ainda, desenhos de modelos (pose), inicialmente sendo confeccionados desenhos rápidos, utilizando técnicas de esboço e croqui da estrutura corporal. O desenho de observação final teve mais tempo de elaboração para um detalhamento do modelo (Fig. 10). Como exercícios extras, os alunos desenharam o rosto do colega vizinho ou a própria mão. Todavia, o desenho do rosto do colega não encontrou aderência no grupo, havendo resistência dos alunos em encarar o colega, atitude considerada inadequada do ponto de vista da masculinidade.

O terceiro bloco desenvolveu desenhos de criatividade de temas sugeridos pelos alunos ou de tema livre, podendo ser de qualquer tipo. Como extras, em algumas turmas, os alunos exercitaram a complementação dos traços iniciais uns dos outros ou editaram criativamente os croquis feitos no bloco anterior, surgindo asas, chifres e cigarros nas pessoas representadas.

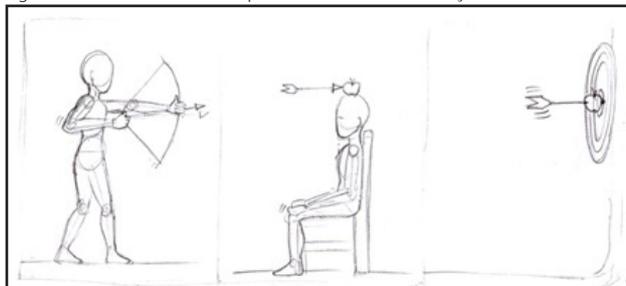
A oficina de desenho avançado também foi estruturada em três blocos, abordando outros conteúdos e produtos.

Figura 11. Desenho de criatividade produzido na oficina básica: "Jardim"



Fonte: próprios autores

Figura 12. Desenho de tirinha produzido na oficina avançada: "Arco e flecha"



Fonte: próprios autores

Figura 13. Desenhos anatômicos produzidos na oficina avançada



Fonte: próprios autores

Figura 14. Desenho tirinha produzido na oficina avançada



Fonte: próprios autores

O primeiro bloco foi iniciado com uma aula expositiva sobre a tirinha, contemplando sua definição e noções de produção. Essas noções envolveram a composição básica do desenho, além de noções de traço e enquadramento. Estes tópicos foram abordados de modo mais sintético que na oficina básica.

O exercício de tirinhas foi seguido da execução de desenhos anatômicos da forma e da função, abordando conceitos de regularidade, proporção, simetria e composição. Um desenho de referência, feito pelo professor,

foi reproduzido pelos alunos, treinando a conformação do corpo humano em esqueleto, músculos e tecidos.

O segundo bloco da oficina abordou exercícios de observação, desenvolvendo desenhos de modelos (pose), nos quais foram treinadas técnicas de croquis e memorização. Os exercícios foram realizados individualmente ou em duplas, com técnicas de continuidade de traços iniciais de um aluno por outro. Os mesmos foram confeccionados com tempo médio estipulado, variado de acordo com a finalidade dos alunos soltarem o traço. Os desenhos buscaram representar o movimento do corpo humano, em poses dinâmicas construídas de modo anatômico.

O terceiro bloco desenvolveu o projeto de tirinhas individuais de tema livre, adotando nos desenhos as técnicas apresentadas em aula com o auxílio de colegas e sob a orientação do professor. O projeto da tirinha abordou as etapas de roteiro, texto e desenho de modo a contar uma história.

### Considerações finais

O endurecimento da pena em reação à crescente violência integra o ciclo vicioso da revanche da sociedade ao criminoso que, provavelmente, retornará ao convívio social de modo desabilitado ou revoltado com seus algozes. A educação e a arte surgem como alternativa mitigadora de recuperação da dignidade humana e da reintegração social das pessoas presas, comprovada pela experiência realizada.

A totalidade dos alunos se mostrou comprometida com a

proposta das oficinas, tendo se empenhado em cada etapa implementada. Em geral, os resultados podem ser considerados satisfatórios. Alguns alunos produziram obras técnicas e criativas, o que evidencia o domínio de conhecimentos e habilidades prévias. A maioria elaborou desenhos experimentais condizentes com o nível de cada oficina.

A avaliação das oficinas de desenho pelos alunos foi ótima para quase 78% dos participantes, enquanto mais de 20% as consideraram boa. Em geral, as avaliações trouxeram pedidos de continuidade do trabalho por meio de outras oficinas ou da implantação de um curso de desenho. Entre os comentários dos internos, destacam-se exemplos como: “É uma capacitação para o mundo lá fora.” e “Descobri novos talentos.”

Num primeiro momento, essas iniciativas ainda dependem fortemente da motivação pessoal dos profissionais envolvidos na implementação das ações e formação das parcerias necessárias. O sucesso dos eventos iniciais pode motivar a formalização destas iniciativas e ampliar as parcerias com a aderência de diversos segmentos socioeconômicos. A articulação no evento realizado foi intermediada pela professora Larissa Dantas de Andrade, organizadora do evento, e pelo pesquisador líder do NUESP, arquiteto Augusto Esteca.

Como desdobramentos das oficinas realizadas, os desenhos serão expostos nas unidades prisionais e na Universidade de Brasília, fortalecendo a pesquisa e fomentando interessados de outras áreas do conhecimento. Em particular, a participação dos alunos da FAU/UnB nas oficinas enriqueceu o conhecimento necessário para o desenvolvimento dos estudos acadêmicos. ■

### Notas

<sup>1</sup> Todos os desenhos constantes desse relato foram produzidos pelos internos nas oficinas realizadas, cuja autoria foi omitida por motivo de segurança.

### Referências bibliográficas

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. Coleção Estudos 126. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN)**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública/DEPEN, 2017. 65 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de R. Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de D. M. Leite. São Paulo: Debates, 2005.
- MORAIS, Frederico. **Arte é o que eu e você chamamos arte**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.